

## Fagueira esperança...

É Bernardo Labergne no *Esprit International*, de Paris, quem o afirma. «Se a Europa pudesse, sem guerra, ultrapassar o cabo dos vinte ou vinte e cinco anos próximos, estaria salva. A guerra não mais a ameaçaria...» E vejamos como o publicista Labergne chega a uma tão promissora, tão otimista esperança. Nota-se um decréscimo no nível populacional europeu. Há medida que a população da Europa foi subindo, até à recente crise de decréscimo, foram subindo as dificuldades sociais, as terríveis preocupações que conhecemos. Malthus proclamou a célebre lei do crescimento populacional, em já antigos tempos, mas uma cor-

rente de ideias chamada neo-malthusiana foi-se opor racionalmente ao desenfreado dessa lei natural, como também a ela se opuseram as visões económicas da Europa, levando os pais a não querer considerar-se os *père-lapins* dos neo-malthusianistas franceses. E assim foi diminuindo o temeroso mal, parecendo que, a despeito do interesse posto no sobre-povoamento por alguns governos europeus, principalmente os franceses, italianos e alemães, a natalidade tem diminuído de maneira muito considerável. Isto não contém em si nenhum mal, porquanto a eugenia, ciência da boa criação de entes humanos, considera acima de tudo a qualidade e dela cuida; e porque se, «como a história o demonstra, a maior parte dos

países europeus mantiveram uma atitude agressiva e alimentaram tendências expansionistas, enquanto a sua natalidade foi crescente, ou simplesmente elevada...» o contrário não deixa de ser desejável.

## Palavras do Embaixador inglês em Portugal

Por ocasião do aniversário do armistício, em Lisboa, efectuou-se um almoço no *Royal British Club*, produzindo-se, no momento dos discursos, afirmações muito curiosas e significativas. O encarregado de negócios britânico em Portugal definiu a política internacional da Inglaterra, falou das medidas tomadas, nesta emergência, para a salvaguarda dos seus interesses imperiais, lembrou as causas determinantes do recurso intensivo ao rearmamento e esclareceu—segundo ele—o interesse que o seu país tem em manter a paz com as outras nações. Até aqui o seu discurso tem o aspecto geralmente tomado pelos discursos oficiais e diplomáticos, mas há uma parte onde ele adquire, sob a veladura da marcação oficial, um alto significado humano, na sua pungente e verdadeira dramatização. É quando se evocam as perdas gravíssimas do 914-18 e se compara a isso o esquecimento que a frágil memória dos homens levanta em frente ao horrível, ao pavoroso, ao infernal cataclismo. Porque de novo a tragédia surge, em todos os cantos a belicosidade levanta sinistros castelos, quando todas as energias humanas poderiam desviar-se num sentido de edificação de quanto a outra tragédia terrivelmente esfrangalhou.

## Evocando Tolstói

Foi a 20 de Novembro de 1910 que Leão Tolstói, em condições sumamente trágicas e desesperadoras, fechou os olhos para a vida e deixou apagar finalmente a chama vivaz da sua inteligência, acossada por dramas pungentes, a que as sensibilidades e as consciências superiores largamente se encontram propensas. Há 27 anos, portanto, e se as efemérides no-lo lembram, justo é que evoquemos, em rápidas linhas, o surpreen-

dente artista duma pátria de sofrimento, que de maneira inegualável evocou todos os problemas e todas as vicissitudes dum povo atormentado. Tolstói merece que o lembremos por que foi, em determinada altura, a grandeza espiritual da humanidade feita símbolo vivente e porque a sua vida é um espectáculo preñado de ensinamentos fecundos e de exemplos perturbantes. Tolstói foi para Romain Rolland—outro símbolo de grandeza espiritual—, como para Latzko, Zweig, Forel e Gandhi, senão um guia e um mestre, pelo menos um ativo despertador de energias—de energias de toda uma geração intelectual. Devemos a Tolstói isto— a posição, na Suíça, do autor de «Au delà de la mêlée», no meio da contenda do 14-18, e o espectáculo consolador dessa ativa atitude do espírito. E dever-lhe isso—é dever muito!

## Uma e outra existência

Sim, digamo-lo bem, nós precisamos da tranqüillidade, porque temos vivido numa época inquieta, num período de incertezas, onde os fracos, os pobres pusilâmines são fatalmente levados à renúncia. Sim, nós, os da Europa revolta e medonha, terrível de perspectivas, nas sangrentas esperanças do amanhã, precisamos de viver, mas desejamo-lo com dignidade, tranqüilidade e em paz. Não crêmos que sejam pouco valentes ou pouco heróicos estes apetites—estes sagrados desejos. Viver em paz, lutando nas pugnas pacíficas do espírito, nas emulações, se a animalidade as pede, das coisas da arte e da beleza. Viver em paz e em justiça, na serenidade admirável desses homens do Norte, de «onde mais do que nunca nos vem a luz», desses finlandeses, desses suecos, noruegueses, dinamarqueses, que buscam os alimentos nas águas salgadas que banham suas praias e seus fjords e vivem, e vivem na casta inocência dos instintos flamejados por uma inteligência compreensiva—numa atitude superiormente humana! Maurício Bedel, o singular cronista, referiu-se ao *Katrina*, esse romance que a filha dum carteiro rural da Finlândia, Sally Salminen, lançou aos olhos da humanidade, talvez à sua delirante consciência. E pôs, Maurício Bedel, o contraste

(Continua na página dezasseis)

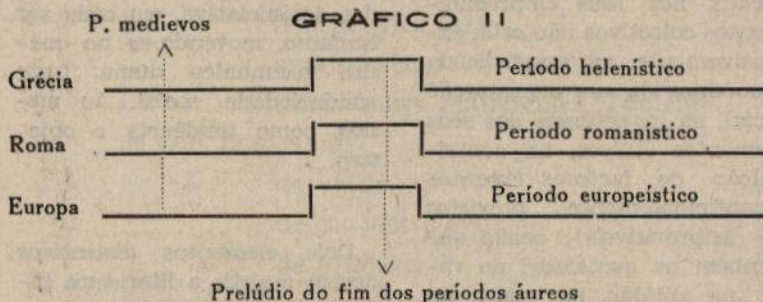
## A CRISE EUROPEIA

Continuação da página três

da Europa:—dêste dado temos a deduzir os elementos que do confronto com períodos análogos da história recebem um **controle** quasi-experimental.

Ora os períodos correspondentes da História, particularmente úteis sob este ponto de vista, são a decadência da Grécia e a expansão do helenismo, por um lado; e a decadência de Roma e a decomposição da civilização gréco-romana, por outro.

Temos assim de lançar uma vista de olhos para um conjunto de fenómenos que pode ser resumido no seguinte quadro:



O que significa, em suma, o seguinte. Definida a Idade da Europa em função da sua curva histórica, temos de estabelecer a comparação dos fenómenos característicos deste ponto da curva com os fenómenos correspondentes dos pontos homólogos das curvas dos outros complexos históricos; extrair desta comparação as características gerais de tais períodos, suas leis, e procurar estabelecer o esquema mecanoide dos períodos de decadência.

Desta forma, a Crise europeia entra nos quadros gerais da história como um fenómeno normal inerente à própria mecânica evolutiva das civilizações, passa enfim à categoria de fenómeno próprio da vida histórica e perde o aspecto de anomalia estranha, paradoxal e quasi-apocalíptica, com que estamos habituados a vê-la tratar e analisar.

O meu esforço, com este ensaio, visa, sobretudo, a demonstrar que a chamada **Crise Europeia** é um fenómeno inerente à própria vida do complexo, e um facto normal da história: a compreensão deste facto é a primeira e basililar condição para se poder compreender no seu justo valor a referida Crise.

O próprio nome de Crise é, pois, incorrecto; não há, como veremos, Crise alguma, mas sim um desenvolvimento lógico de processos mecanoídes de decadência histórica, exactamente análogos aos que se verificam em períodos identicos da civilização gréga e romana. Mas como o nome de Crise está consagrado e o público a elle habituado, conservá-lo-emos, insistindo porém em que tal nome nada mais significa do que um sistema de exponenciais referentes a sintomas próprios ao prelúdio do período europeístico.